

ARMANDO REDENTOR

# Epigrafia romana na região de Bragança

  
MINISTÉRIO DA CULTURA

  
INSTITUTO PORTUGUÊS  
DE ARQUEOLOGIA

TRABALHOS DE ARQUEOLOGIA; 24

COORDENAÇÃO EDITORIAL  
António Marques de Faria

TRADUÇÃO DO RESUMO  
Katina Lillios

DESIGN GRÁFICO  
[www.tvmdesigners.pt](http://www.tvmdesigners.pt)

PRÉ-IMPRESSÃO E IMPRESSÃO  
Facsimile, Lda

TIRAGEM  
500 exemplares

Depósito Legal  
158769/00

ISSN 0871-2581

ISBN 972-8662-06-8

Instituto Português de Arqueologia  
LISBOA  
2002

O Instituto Português de Arqueologia respeita os originais dos textos que lhe são enviados pelos autores, não sendo, assim, responsável pelas opiniões expressas nos mesmos, bem como por eventuais plágios, cópias ou quaisquer outros elementos que de alguma forma possam prejudicar terceiros.

A meus pais e a Caus

---

## ÍNDICE

---

<b>PRÓLOGO</b>	8
<b>PREÂMBULO</b>	12
<b>INTRODUÇÃO</b>	16
<b>I PARTE – A REGIÃO DE BRAGANÇA. ENQUADRAMENTOS</b>	20
1. Os limites e o meio natural	21
2. O quadro histórico	25
2.1. A fase pré-romana	25
2.2. A conquista do território e a integração administrativa	28
2.3. O povoamento	31
2.4. A organização social indígena	32
3. Sinopse sobre a evolução dos conhecimentos epigráficos	36
<b>II PARTE – AS EPÍGRAFES</b>	42
1. Princípios de apresentação adoptados no catálogo	43
2. Catálogo	46
2.1. Inscrições votivas	46
2.2. Inscrições honoríficas	60
2.3. Inscrições funerárias	64
2.4. Inscrições viárias	177
2.5. Inscrições de categoria textual duvidosa	189
2.6. Inscrições falsas	190
<b>III PARTE – A EPIGRAFIA E A SOCIEDADE</b>	192
I. As práticas epigráficas	193
1.1. O material das epígrafes	194
1.2. Os monumentos	194
1.2.1. As aras	195
1.2.2. Os pedestais	196
1.2.3. As estelas	196
1.2.4. Outras formas	205
1.2.5. Os miliários	205

1.3. Os textos	205
1.3.1. Paginação	205
1.3.2. A paleografia	206
1.3.3. A estrutura dos textos e os formulários	208
1.3.4. O latim epigráfico	209
2. A sociedade	214
2.1. A sociedade através da antroponímia e das fórmulas onomásticas	214
2.1.1. O estatuto social: escravos, libertos e livres	219
2.1.1.1. Escravos e libertos	219
2.1.1.2. População livre	220
2.2. Os movimentos da população	222
2.3. Os epitáfios e a idade com que se morre	223
2.4. As manifestações religiosas	225
2.4.1. Em torno das divindades indígenas	226
2.4.1.1. <i>Aernus</i>	227
2.4.1.2. <i>Bandua</i>	228
2.4.1.3. <i>Laesus</i>	229
2.4.2. Júpiter: o único deus romano documentado	230
2.4.3. Um teónimo omissa e uma inscrição incompleta	231
2.5. O culto imperial	232
2.6. O culto dos mortos e os símbolos	236
2.6.1. O monumento epigráfico e a sua integração no espaço funerário	236
2.6.2. Uma leitura social do monumento funerário	237
2.6.3. Notas sobre o simbolismo da iconografia funerária	237
2.6.3.1. Símbolos astrais (roda de raios curvos, rosácea, estrelas, crescente lunar, círculos, esquadros)	238
2.6.3.2. Elementos arquitectónicos (arcarias, colunas/pilastras)	239
2.6.3.3. Representações zoomórficas (javali, veado, fêmea de cervídeo, representação aviforme)	240
2.6.3.4. Representações fitomórficas (ramos de teixo e outros)	241
2.6.3.5. Representações humanas (figuração do defunto)	242
2.6.3.6. Objectos diversos (lança e gládio, torques, tridente)	242
2.7. Apontamento sobre o estatuto jurídico da população e o quadro administrativo	243

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	250
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	254
<b>ÍNDICES EPIGRÁFICOS</b>	268
<i>Praenomina</i>	269
<i>Gentilicia</i>	269
<i>Nomina graeca, nomina unica, cognomina romana</i>	269
<i>Imperatores et domus eorum</i>	272
<i>Res publica populi romani</i>	274
<i>Res militaris</i>	274
<i>Dii deaeque</i>	274
<i>Geographica</i>	275
<i>Compendia scripturae</i>	275
<i>Grammatica quaedam</i>	277
<i>Notabilia uaria</i>	277
<b>TÁBUAS DE CORRESPONDÊNCIAS</b>	280
<b>PROVENIÊNCIA E PARADEIRO DAS EPÍGRAFES</b>	290
<b>RESUMO / ABSTRACT</b>	292
<b>ESTAMPAS</b>	296

# Prólogo

## Os deuses e os homens...

Pelas madrugadas frias, soprava de nordeste vento cortante. Os estorninhos, numa algaraviada estridente, acordavam os humanos, saudavam o Sol, gritavam a alegria de estarem vivos e poderem negramente zaragatear pelos beirais dos telhados.

Além, no verde do lameiro toscamente murado, pasciam três vacas pachorrentas e há um crocitar de corvos em grande algazarra.

No passar dos meses: as gélidas manhãs a exigirem pesado agasalho e protecção de orelhas e pescoços; o sorriso das cerejeiras em flor de que, gulosas, as abelhas sugavam néctares; Verão, inferno de fugir!... Ah! O Outono do rabisco dos galelos a brincar às escondidas debaixo da parra amarelecida! O Outono das castanhas!...

Um outro mundo, senhores, de solidões e caminhos ínvios, este Nordeste transmontano e brigantino!

Não sei se o veriam assim os Romanos de há dois mil anos atrás. Quero crer que sim, porque tudo ali me parece imutável, agarrado ao chão, de longos amores perpétuos...

Arqueólogos e epigrafistas fizeram interrogações outras. Quiçá não lograram maravilhar-se com os longes, com os verdes e as solidões, porque, cabeça baixa, era o chão que interrogavam não o céu nem corvos nem os estorninhos. Pedras queriam. E, se possível, com letras. Metidas nos muros de propriedades, encastradas em paredes de casas, por aí... Interessava era encontrá-las.

Assim, o quase lendário Abade de Baçal. E, anos mais tarde, almejando sínteses sobre esses tempos da Galícia romana, Alain Tranoy. Também Patrick Le Roux, a acompanhá-lo. A interrogar também o granito.

E, agora, Armando Redentor. Em persistência sem igual. Depois de haver percorrido tudo quanto era página sobre o assunto. Devorando, sôfrego, as notas, os singelos apontamentos, as meras alusões do Abade e de quantos lhe haviam seguido as peugadas. Belarmino Afonso, por exemplo.

Longos calcorreares, profundas meditações. Imagino-o no Parque Natural de Montesinho ou virando pedra mais ajeitada que topara junto à Senhora da Hedra — que lástima, senhores, aquele sítio, invadido pelos carvalhos, a povoação Cova da Lua agora do outro lado do vale, mais soalheiro, menos fustigado dos ventos; ali, onde, dois milénios antes, se venerou *Bandua* e donde profundo mal afugentou as gentes, julgando-se amaldiçoadas por Deus.

Os deuses e os homens.

E as epígrafes a perpetuarem memórias duns e doutros.

Obteve-se, assim, finda a penosa recolha, escalonados e miudamente descritos perdidos e achados — um panorama singular. Nunca dantes tão rigorosamente traçado, tão sagazmente observado, tão serenamente reflectido e englobante.

Que interessava ler e descrever; mas destrinçar contextos, abalançar-se a agrupar decorações, penetrar-lhes bem no âmago do seu significado profundo, descobrir, enfim, o Homem que lhes estava subjacente... — esse, o grande desafio corajosamente aceite e vencido em plenitude.

Dotado de uma tenacidade invulgar, esgrimindo com extrema perícia todas as técnicas do bom epigrafista, Armando Redentor soube, de facto, fazer falar as pedras.



E o resultado aí está, vigoroso e firme: a reconstituição (ousamos dizer) completa de toda uma época, na sua singularidade específica. Os Romanos que no território brigantino viveram, sofreram, labutaram, amaram e... morreram sem morrer – porque as suas memórias e nomes nas pedras ficaram gravados. Imorredoiamente. Um livro que ora se deixou ler e interpretar.

«A Docínia, de Trício, de 50 anos»; «Búcio, filho de Talógio, de 35 anos. Que a terra te seja leve»; «A Marco, de Grácil, de 20 anos»; «A Júpiter Ótimo Máximo, Lovésia, por voto, colocou de boa vontade»; «A Leso, Elânico Taurino cumpriu o voto de boa vontade»... Estranhos nomes, os indígenas de mistura com os latinos. O deus maior a par da divindade local...

As práticas epigráficas, a sociedade, os símbolos... E as fotografias, excelentes, a mostrarem exactamente como é e como foi:

«A simbiose que se produziu em função dos fenómenos de aculturação parece ser o aspecto mais emblemático que ressalta da observação desses *flashes* do passado que constituem cada um dos monumentos epigráficos, quer na sua dimensão artística ou plástica, quer nas suas mensagens escritas».

\* \* \*

Crocitam corvos no lameiro. Ouve-se, ao longe, tinir descompassado de cinorro velho. Tal como há dois mil anos atrás, talvez. E apetece uma oração — o Génio do lugar está por ali, sente-se bem. «Ao deus Erno — a ordem dos Zelas, por voto».

Deuses e homens. Mulheres, crianças, soldados, escravos, libertos — irmanados todos na mesma preocupação de não serem olvidados nunca. Descansem: Armando Redentor teve o raro condão de vos fazer ressuscitar!

Cascais, Julho de 2002

*José d'Encarnação*

# Preâmbulo

A monografia que agora se publica corresponde integralmente à nossa dissertação de mestrado, apresentada, em 2000, à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. O texto original é por completo vertido para esta publicação, ainda que pontualmente tenha beneficiado de cirúrgicas alterações. Estas foram, essencialmente, motivadas pela necessidade de adopção das normas de redacção utilizadas na série monográfica em que se integra e só esporadicamente tiveram o intuito de conferir maior clareza ao texto.

Em *Epigrafia romana da região de Bragança* estudámos exaustivamente as fontes epigráficas da Época Romana procedentes de um território que administrativamente corresponde aos actuais concelhos de Bragança, Vinhais e Macedo de Cavaleiros e analisámo-las sob dois pontos de vista fundamentais: o epigráfico e o histórico. Se, inicialmente, sonhámos em abarcar no nosso trabalho toda a epigrafia funerária romana nordestina, sentimos que seria, talvez, gigantesca tarefa, mediante os meios de que dispúnhamos e os prazos que nos impunham no âmbito do Curso de Mestrado em Arqueologia. Acabámos por optar por uma via de trabalho mais realista, restringindo o âmbito geográfico da nossa intervenção e ampliando as categorias epigráficas a estudar. Os trabalhos conducentes aos resultados que se apresentam decorreram de forma mais intensiva entre 1998 e 2000.

Naturalmente, esta obra usufrui dos generosos contributos que recebemos de todos os que contactámos durante o estudo de cada uma das epígrafes, mas em especial do subsídio dos que, mais directamente, nos apoiaram ou orientaram na sua concretização.

O trabalho que realizámos, num incansável regresso à pedra, foi para nós uma viagem fantástica em redor de cada uma das peças.

Encontrámo-las no Museu do Abade de Baçal e de cada uma se desprende o entrecho da sua descoberta, numa recriação de cenários onde actuavam párocos de aldeias bragançanas, simples rústicos ou curiosos pelo Passado, mas também actores principais como Henriques Pinheiro, Albino Lopo, Francisco Manuel Alves, José Montanha, Celestino Beça, entre outros; manuseámo-las na reserva provisória, a antiga biblioteca, onde se respirava, ainda, a aura da passagem destes amigos do Museu, no seu abnegado trabalho de o tornar grande. Em Guimarães, ao visitá-las no Museu da Sociedade Martins Sarmento, ecoou em nós o estrépito dessa epopeia que foram as escavações em Castro de Avelãs nos finais de Oitocentos.

De povoação em povoação, também experienciámos, à distância de algumas décadas, é certo, o papel de actor, quase decalcado desse mais antigo, o dos ilustres bragançanos desse virar de século.

Aqui e ali, fomos surpreendidos: no interior das casas que nos eram franqueadas, nas igrejas e cemitérios, em muros e paredes... Por exemplo, em Grijó de Parada, pitoresca aldeia destas paragens, foi inebriante redescobrir algo que já conhecíamos dos papéis manuscritos de Joseph Cardoso Borges e surpreendente topar com uma estela funerária romana fincada à cabeceira da campa rasa de um defunto de cuja identidade há muito se havia perdido o rasto; noutra cemitério, o de Bragança, foi também com sentimento que, no alto de um jazigo, vislumbrámos o que restou, desfigurado, de uma ara consagrada a *Aernus* pelo *Ordo Zoelarum*.

Cada saída foi um corrúpio de emoções, um frémito constante: a alegria da descoberta e do contacto com as inscrições delidas pelo tempo, a angústia de não se obter uma compreensão satisfatória do texto gravado, sobretudo quando as evidências se mostravam enigmáticas e, por isso, de interpretação delicada, o conforto da confirmação de um nome, de uma fórmula... de uma leitura.

Foi um incessante peregrinar por terras bragançanas à procura dos que cá viveram, e morreram, há quase dois mil anos, entre perguntas e respostas dos homens de hoje; curiosamente, alguns lembraram-se da figura ímpar e patriarcal do Abade – o de Baçal, pois claro! – com quem tinham contactado na mocidade, aquando das suas excursões a esta ou aquela aldeia sempre em procura de antigualhas, o qual, com o condão dos sábios, logo fazia História, marcando indelevelmente a memória dos que o escutavam.

Também os jovens de hoje – poucos, evidentemente, porque escasseiam por estes sítios – de nós se acercaram para ouvir falar as pedras. Fomos ventríloquos e contadores de histórias, e História, e, sobretudo, ouvintes atentos dos nossos interlocutores, especialmente dos anciãos que sempre muito têm para contar com narrativas em que, por vezes, o mítico e a verdade se confundem e a subjectividade mascara o realismo. Foi preciso ouvir e crivar essa informação, quase sempre preciosa.

A todos agradecemos as emoções vividas. Aos já falecidos, epigraficamente dizendo: — *Que a terra vos seja leve*; aos vivos, desejando uma vida longa, cumulada dessa riqueza humana que nos souberam transmitir.

Não podemos, porém, deixar de agradecer, de forma mais individualizada, aos que directamente contribuíram para que pudéssemos levar a bom termo este trabalho.

Desde logo, ao nosso orientador, Professor Doutor José d'Encarnação, quer pelas lições sobre o mester de epigrafista, quer pela disponibilidade constante no esclarecimento das nossas dúvidas, na ponderação das nossas ideias ou na leitura dos nossos textos.

Estamos igualmente reconhecidos aos Professores Doutores Jorge de Alarcão e Vasco Mantas pelas ideias que trocámos sobre este ou aquele assunto mais específico, sobretudo no tocante às questões relacionadas com a geografia histórica e a viação romana, aos Doutores Francisco Sande Lemos, Carlos Aguiar e Luís Filipe Fernandes, pelas informações várias que nos prestaram enquanto bons conhecedores da terra transmontana, bem como aos directores dos museus onde estão depositadas algumas das epígrafes, nomeadamente ao Dr. João Neto Jacob, director do Museu do Abade de Baçal, ao Dr. Luís Raposo, director do Museu Nacional de Arqueologia, e ao Dr. Joaquim Santos Simões, presidente da Sociedade Martins Sarmento, pelas facilidades concedidas no acesso a esse espólio.

Lembramos, de igual modo, o Dr. Belarmino Afonso, pela forma como nos facilitou o acesso à biblioteca do Arquivo Distrital de Bragança, e a Dra. Ana Maria Afonso, pelo apoio na resolução das nossas dificuldades paleográficas.

Não esquecemos, obviamente, todos os amigos e colegas que nos apoiaram das mais diversas formas, no entanto, mesmo correndo o risco de sermos injustos, atrevemo-nos a referir, pelo envolvimento mais directo na produção deste trabalho, o Celso Candeias, a Clara André, o Armindo Rodrigues, o Paulo Cabral e o David Soeiro.

Agradecemos, também, às presidências da Comissão Directiva do Parque Natural de Montesinho e do Instituto da Conservação da Natureza, por nos terem concedido a possibilidade de realização deste projecto.

Finalmente, estendemos o nosso reconhecimento ao Instituto Português de Arqueologia por ter acolhido a publicação deste trabalho, sinal evidente de que, do princípio à agonia institucional, deu cabal cumprimento às suas louváveis atribuições de divulgação de resultados científicos e patrimoniais produzidos em território nacional.

## Autoria das ilustrações

---

As ilustrações que se incluem neste volume são da autoria do signatário, com excepção das seguintes fotografias e desenhos:

- Est. I, 1: Borges (1721-1724, f. 168)
- Est. II, 6: Borges (1721-1724, f. 71)
- Est. III, 10: Viterbo (1865<sup>2</sup>, p. 275)
- Est. IV, 13: Cruz (1935, p. 123)
- Est. V, 20: Borges (1721-1724, f. 150)
- Est. X, 39: Borges (1721-1724, f. 154)
- Est. XI, 41: Borges (1721-1724, f. 72)
- Est. XII, 46: Borges (1721-1724, f. 71v)
- Est. XII, 48: Borges (1721-1724, f. 72)
- Est. XIII, 52: *CIL* II 5070
- Est. XIV, 54: Borges (1721-1724, f. 71v)
- Est. XIV, 56: Brandão (1960a)
- Est. XV, 57: Borges (1721-1724, f. 71v)
- Est. XV, 58: Afonso (1985, p. 698)
- Est. XIX, 76: Brandão (1960a)
- Est. XXI, 81: Borges (1721-1724, f. 147)
- Est. XXI, 82: Brandão (1960a)
- Est. XXII, 86: Borges (1721-1724, f. 149)
- Est. XXII, 88: Alves (1947, p. 603)
- Est. XXIII, 89: Brandão (1960a)
- Est. XXIII, 92: Borges (1721-1724, f. 153v)
- Est. XXIV, 93: Alves (1910a, p. 3)
- Est. XXV, 98: Guilherme Cardoso
- Est. XXVI, 102: Alves (1938, p. 57)
- Est. XXVI, 103: Alves (1938, p. 56)
- Est. XXVII, 107: Lopo (1987, p. 52)
- Est. XXXIV, 133: Borges (1721-1724, f. 73v)
- Est. XXXV, 138: Lopo (1987, p. 96)
- Est. XXXV, 139: Borges (1721-1724, f. 72v)
- Est. XXXV, 140: F. Sande Lemos
- Est. XXXVI, 141: Borges (1721-1724, f. 162)
- Est. XXXVII: Carla Cruz

# Introdução

O Nordeste transmontano tem muitos encantos fundados na própria Terra, nos seus Homens, e na sua História; cremos que é, ainda, um bocado desse *Reino Maravilhoso* pintado em palavras por Torga. O património histórico constitui, verdadeiramente, um dos seus aspectos mais atractivos, nem sempre valorizado ou, desafortunadamente, devidamente salvaguardado. Ainda, assim, pasma-se perante a sua riqueza.

O património epigráfico da época romana é um desses bens culturais que abunda e se afirma na nossa memória, sobretudo, pelas suas peculiares manifestações plásticas. Disperso, e muitas vezes entregue ao desdém, até parece que não constitui uma das fontes mais preciosas para quem queira abalançar-se na construção da História do domínio romano em solo transmontano. Sem esta ambição, orientámos a nossa investigação para o conhecimento rigoroso desses documentos de pedra, pois cremos que a construção histórica não depende só da qualidade das nossas ferramentas teóricas, mas é, indubitavelmente, condicionada pelas fontes que lhe servem de base. Sem uma análise cuidada e mais ou menos exaustiva desse manancial documental, e sem uma crítica às interpretações historiográficas que acerca dele se foram produzindo, não será possível um avançar seguro e decidido nesse arquitectar de factos históricos.

Foi nossa pretensão fornecer um *corpus* epigráfico actualizado, o mais rigoroso possível, e, ao mesmo tempo, efectuar sobre ele uma primeira análise dirigida para dois aspectos principais que, genericamente, rotulámos de *práticas epigráficas* e de *sociedade*. Este trabalho analítico, desenvolvido sobre o material epigráfico catalogado, não passará de um modesto contributo para a História regional, mas deixamos disponível todo um conjunto documental, decerto útil para ulteriores reflexões, nossas ou daqueles que melhor o saibam aproveitar.

No trabalho de catalogação visámos o monumento epigráfico na sua totalidade, da sua materialidade aos letreiros e apontamentos iconográficos. A revisão de todas as inscrições até ao momento conhecidas foi uma preocupação fundamental e nesse trabalho, por vezes árduo, acabámos por recolher algumas surpresas, nomeadamente a descoberta de algum material inédito ou, simplesmente, de uma leitura inovadora; inventariámos, também, todos os fragmentos que encontrámos, mesmo que desprovidos de inscrição. Joeirámos a informação que, desde há mais de três séculos, se foi acumulando; criticámos as leituras que nos chegaram de inscrições desaparecidas e estudámos todos os monumentos cuja existência se conhece, quer os que permanecem depositados em museus, quer os que continuam disseminados pelas povoações da região – mas não só! –, quase sempre mais próximos do seu local de achado. Fizemos leituras, medimos, descrevemos, fotografámos e vasculhámos manuscritos e publicações.

Não nos foi possível chegar às quatro inscrições procedentes de Nogueira que se encontram depositadas na Casa do Adro, em Viseu, e que fazem parte do fundo da Assembleia Distrital; valeu-nos a excelente publicação original destas peças, que permitiu colmatar esta falha. Também não tivemos o ensejo de identificar por entre o espólio do Museu do Abade de Baçal uma estela (anepígrafa?) que seria proveniente de Coelho. Todo o restante material com paradeiro conhecido foi visto e, por vezes, revisto.

A articulação do material epigráfico com os dados da Arqueologia, nomeadamente com o povoamento da época romana, foi apresentada recentemente (Lemos, 1993), pelo que achámos por bem não insistir nesta temática; relançámos a oportunidade de se reflectir, uma vez mais, sobre esse assunto, que vemos longe de estar esgotado – limitámo-nos a cartografar os achados epigráficos, em função da sua adscrição administrativa, de molde a estabelecer uma panorâmica de pequena escala sobre a sua distribuição. Estamos conscientes de que não percorremos todas as possibilidades de análise destes dados epigráficos, mas, seguramente, não era esse o nosso intento.

A presente obra encontra-se, assim, estruturada em três partes fundamentais: a primeira é destinada ao enquadramento geográfico do território bragançano, a uma abordagem sucinta aos conhecimentos históricos disponíveis para o espaço em causa, quer para o período pré-romano, quer para o romano, e, ainda, ao esboço de uma sinopse acerca da investigação já desenvolvida em redor da epigrafia romana da região; a segunda é constituída pelo catálogo epigráfico propriamente dito; a terceira reserva-se à apresentação dos resultados do trabalho de análise que empreendemos a partir do material epigráfico, com destaque para os aspectos ligados às práticas epigráficas e à sociedade.